

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JULIANA PAIXÃO MACEDO

**O GIZ QUE ME FORMOU: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO PROCESSO DA
CONSTITUIÇÃO DA MINHA IDENTIDADE DOCENTE**

VITÓRIA

2025

JULIANA PAIXÃO MACEDO

**O GIZ QUE ME FORMOU: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO PROCESSO DA
CONSTITUIÇÃO DA MINHA IDENTIDADE DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Espírito Santo, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Figueiredo de
Andrade Filho

VITÓRIA

2025

JULIANA PAIXÃO MACEDO

**O GIZ QUE ME FORMOU: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO PROCESSO DA
CONSTITUIÇÃO DA MINHA IDENTIDADE DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Educação Física -
Licenciatura, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: 27/08/2025

COMISSÃO EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

NELSON FIGUEIREDO DE ANDRADE FILHO

Data: 03/09/2025 12:09:02-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador: Prof. Dr. Nelson Figueiredo de Andrade Filho



Documento assinado digitalmente

IGUATEMI SANTOS RANGEL

Data: 03/09/2025 15:15:55-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Iguatemi Santos Rangel



Documento assinado digitalmente

KELLEN ANTUNES LYRIO RAPOSO

Data: 03/09/2025 15:27:26-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Kelen Antunes Lyrio

À criança que eu fui.

AGRADECIMENTOS

A Deus toda a minha gratidão por escolher ser meu amigo e estar comigo em meio às dificuldades. Que a honra e a glória sejam para Ele.

Aos meus pais, Albertino e Ivonete, meus amigos e exemplo de coragem. Toda a minha gratidão pelos ensinamentos, correções e principalmente por acreditarem e investirem a confiança de vocês em mim. Obrigada por serem os meus maiores incentivadores. Eu amo vocês além de uma ida e volta na lua.

À minha irmã e parceira, Mariana, a minha “Meui”. Obrigada por acreditar em mim mesmo quando não acredito, por me encorajar e sempre reforçar o quanto se orgulha de mim, a vida é muito mais divertida ao seu lado. Meu amor por você nunca terá fim.

Aos meus amigos e colegas de formação, a qual tive a honra de dividir risadas, desafios e momentos de trocas e parceria. A experiência universitária foi infinitamente melhor com o apoio que dedicaram a mim.

A todos os professores e profissionais da educação que passaram pela minha vida, desde a educação infantil até a graduação. Obrigada por escolherem compartilhar conhecimentos e por todo o amor que dedicam ao ato de ensinar. Sem vocês esse trabalho não seria possível.

Às crianças que tive a alegria de conhecer, ensinar e acompanhar nos estágios e projetos ao longo da graduação. Cada sorriso, descobertas e brincadeira me fez lembrar que estou exatamente onde queria estar. Vocês me ensinaram mais do que qualquer livro.

Ao meu orientador, Dr. Nelson Figueiredo de Andrade Filho, por compartilhar os seus conhecimentos com paciência e dedicação. Obrigada por confiar em mim, devo muito a você.

A todos que passaram pela minha vida e contribuíram, diretamente ou indiretamente, para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

Trata-se de um memorial autobiográfico produzido por uma professora em formação no curso de Licenciatura em Educação Física no Centro de Educação Física e Desportos na Universidade Federal do Espírito Santo. Constitui-se como um exercício reflexivo acerca da trajetória pessoal e formativa da autora que, por meio da escrita de si, busca compreender como as experiências vividas desde a infância contribuíram para a construção da identidade docente e para a escolha do “ser professor”. Apresenta reflexões dos aspectos que atravessaram o processo formativo a partir do resgate de memórias da educação infantil e os sentidos construídos na relação com os professores e o ambiente escolar. Problematisa como as experiências da infância influenciaram na escolha do curso e como se deu a construção da identidade docente aos longos dos anos. As memórias, acervo de imagens pessoais e portfólio acadêmico da autora foram as fontes utilizadas para a realização do trabalho. Por fim, evidencia as influências das vivências na prática pedagógica.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Infantil; Experiências.

LISTA DE IMAGENS:

Imagem 1 - Aos 6 anos no CEI 57 (2009)

Imagem 2 - Meu primeiro quadro na escola (2009)

Imagem 3 - Os rabiscos no chão

Imagem 4 - A amarelinha: onde tudo começou

Imagem 5 - O parque da escola

Imagem 6 - Cabo PM e professora do PROERD / Irmã / Professor de musicalização (2009)

Imagem 7 - Foto aérea da escola “Prof. Luiz Almeida Marins” ao lado do “Sabe Tudo”

Imagem 8 - O parque da escola

Imagem 9 - Turma do 3º ano

Imagem 10 - E. E. Prof. “Rafael Orsi Filho”

Imagem 11 - A última foto

Imagem 12 - Registros do meu Caderno de Questões (ENEM 2020)

Imagem 13 - Conhecendo a UFES

Imagem 14 - Primeiro dia de aula

Imagem 15 - A “Tia Ju”

Imagem 16 - O Grupo 6

Imagem 17 - As “cartinhas” das crianças

Imagem 18 - “Professora Amarelinha”

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CEFD - Centro de Educação Física e Desportos

CEI - Centro de Educação Infantil

CMSP - Centro de Mídias São Paulo

EARTE - Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial

JEMVI - Jogos Escolares Municipais de Vitória

LAEFA - Laboratório de Educação Física Adaptada

PM - Polícia Militar

PROERD- Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. DE VOLTA AO INÍCIO.....	12
2.1 PROFESSORA AMARELINHA.....	13
2.2 A “ESCOLA VERDE”	15
2.3 OUTRA VEZ O GIZ?.....	18
3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS FINAIS E ENSINO MÉDIO.....	28
4. A CONCRETIZAÇÃO DO SONHO.....	32
4.1 EXPERIÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS.....	35
4.2 O REENCONTRO COM A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	36
5. REFLEXÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

Não podemos escapar do passado, e ignorá-lo é um perigo. (Dr. Dillamond, no filme *Wicked*, 2024, 41 min 47s)

Este memorial, intitulado “O giz que me formou: Experiências formativas no processo da constituição da minha identidade docente”, constitui-se como um exercício reflexivo da minha trajetória pessoal e formativa até aqui, com o intuito de compreender como as experiências vividas desde os primeiros anos da infância contribuíram para minha aproximação com a Licenciatura em Educação Física. Trata-se de um registro subjetivo e autobiográfico, que busca descrever e analisar momentos marcantes da minha caminhada e os sentidos atribuídos a essas vivências no processo de formação da minha identidade docente.

Ao narrar as minhas experiências, reconheço a oportunidade de refletir sobre como a minha trajetória na Educação Física Escolar impacta na minha prática pedagógica como professora. A escolha de realizar um memorial descritivo, está ligada principalmente ao vínculo afetivo que construí com essas memórias desde a infância e o desejo de ressignificar aquilo que permanece vivo em mim.

Nos meus primeiros anos letivos, percebia que todos os profissionais da educação estavam ali exercendo um trabalho, exceto o professor de Educação Física, já que a minha percepção era de que ele estava ali não por obrigação profissional, mas por um tipo de serviço voluntário. Acreditava que ele gostava de brincar com crianças e por isso escolhia passar a manhã brincando com a turma. Mesmo descobrindo que ele também era um professor, a ideia de poder ser adulto e “brincar por opção” me chamava atenção e parecia ser um trabalho fácil e divertido.

Decorrente da percepção dessa experiência escolar, comecei a despertar meu interesse em ser professora de Educação Física. Nesse sentido, estaria me deixando atrair pela tal por ela não me parecer ser uma disciplina escolar séria como as outras, fato que também chamou a atenção de Charlot (2009) quando escreveu “Ensinar Educação Física ou ajudar o aluno a aprender o seu corpo sujeito”.

Após discutir a ideia de que há na área de Educação Física uma ambição identitária de que a disciplina escolar seja igual às outras disciplinas que compõem o currículo, Charlot questiona as representações e expectativas dos alunos sobre tal ambição e reflete que para

alguns alunos ela é igual às demais quando é repetitiva e chata; para outros ela é insuficiente, redutora, quando esperam que promova mais saúde e beleza, embora, para outros ela seja diferente das demais exatamente porque é recreativa. O autor ainda reflete que,

[...] outros alunos percebem a Educação Física como recreativa, desta vez, a ambição não é satisfeita: se os alunos sentem prazer em Educação Física, esta não pode ser uma disciplina como as demais, séria e educativa (p. 233).

Para compreender o movimento de atribuir significado ao que vivi, utilizo o conceito de experiência proposto por Bondia (2002). Para ele, a experiência exige parar, escutar, refletir e dar sentido ao que foi vivido e não apenas viver sem atribuir significados a esses acontecimentos.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (p. 21).

Para fundamentar a concepção deste memorial como narrativa autobiográfica com caráter formativo, sendo não apenas recordações de vivências passadas, mas a compreensão de como essas experiências influenciam na minha carreira docente, recorro à perspectiva de Caparroz (2009),

Apesar de alguns considerarem o ato de rememorar como algo penoso, [...] o uso do memorial torna-se relevante devido ao caráter simbólico imaginativo dos saberes sociais que se configuram na docência, ou seja, a tentativa de entender e de dar sentido ao mundo contempla, de forma simultânea, processos cognitivo-afetivos. Isso significa que tanto o conhecimento quanto o sentimento se fazem presentes no processo de construção da significação simbólica em que a base de produção é a própria realidade social (p.16).

Segundo Josso (2012), ao construir a narrativa de vida e refletir sobre as experiências que marcaram a formação, o sujeito torna-se autor da própria história, de modo que

Elaborar a sua narrativa de vida e, a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que se torna autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspetivação dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal (p. 23).

Portanto, ao escrever este memorial, busco não apenas narrar as minhas experiências afetivas por si só, mas compreender em como impactaram no meu presente desenvolvimento profissional. Da mesma forma, reflito sobre as reflexões que essas vivências me causaram ao longo do meu processo formativo e quais são os seus impactos na minha identidade docente.

2. DE VOLTA AO INÍCIO

No dia 9 de Abril de 2003, às 13 horas em um hospital de Sorocaba - São Paulo, me apresentei pela primeira vez ao mundo com um choro que anunciava o início de uma história marcada por encontros e descobertas.

Cresci rodeada de amor, com muita energia e curiosidade sobre tudo que me cercava. Minha companhia diária era minha mãe, que deixou o emprego para se dedicar a minha criação e da minha irmã, 4 anos mais velha, enquanto o meu pai trabalhava para garantir a estabilidade financeira da família. Após viver 3 anos na plenitude da companhia e cuidados materno, estava na hora de conhecer outro universo: a escola. Independente da idade, o novo nos assusta e essa mudança me trouxe medo. Por vezes, viver com o desconhecido nos traz dor e, no início, foi difícil encontrar uma solução para aliviá-la.

Enquanto não sabia verbalizar e dar nome aos meus sentimentos, a única forma de garantir as minhas vontades era através do choro. O choro é a reação mais comum no processo de adaptação escolar que deve ser atendido e acolhido de maneira afetiva. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998):

Alguns acreditam que, se derem muita atenção e as pegarem no colo, as crianças se tornarão manhosas, deixando-as chorar. Essa experiência deve ser evitada. Deve ser dada uma atenção especial às crianças, nesses momentos de choro, pegando no colo ou sugerindo-lhes atividades interessantes (RCNEI, 1998, p. 82).

Na escola entendi que por mais que chorasse minha mãe não apareceria para me acalmar, mas percebi que o colo da professora também era bom e brincar de esconde-esconde com ela me ajudava a perceber que minha mãe não tinha ido embora para sempre, em algum momento ela voltaria. Freud (1920) *apud* Gonçalves (2018, p. 631), ao refletir sobre a brincadeira de fazer desaparecer e aparecer, o Fort-da, relaciona esses jogos de objeto perdido-achado como estratégias para lidar com a ausência materna, já que a criança passa a ter o entendimento que o sumiço de um objeto perdido é temporário.

Lembrando apenas desses momentos de acolhimento, poucas memórias levo desta primeira escola; porém jamais esquecerei os momentos no Centro de Educação Infantil Engº João Salerno, também conhecido como “CEI 57”, a minha segunda escola, que me marcou e gerou em mim o desejo de ser “professora amarelinha”.

Imagem 1 - Aos 6 anos no CEI 57 (2009)



Fonte: Acervo pessoal

2.1 PROFESSORA AMARELINHA

1, 2, 3... Já estava na hora de aprender os numerais. A, B, C... As letras chegaram junto. Cada dia era uma nova descoberta: “Hoje? Hoje eu aprendi a desenhar o sol, sou a melhor artista”. Bom mesmo foi aprender a desenhar o cenário completo: a casinha, a grama, a árvore, a flor, o sol e a nuvem.

Imagem 2 - Meu primeiro quadro na escola (2009)



Fonte: Acervo pessoal

Em uma manhã de sol, nosso momento de pintura foi interrompido por 3 batidas na porta e uma voz masculina que dizia “Vamos, pessoal?!”. Pensei: “Vamos para onde? Precisamos sair exatamente agora, na hora de desenhar?”. Enquanto seguia meus colegas em fila pelo corredor, essas perguntas se passavam pela minha mente e o corredor que deveria ter mais ou menos 8 metros, parecia uma eternidade para pernas tão pequenas e ansiosas.

Enquanto tentávamos entender o que aconteceria a seguir, chegamos a um espaço cercado por árvores e fomos orientados a sentar em roda no chão. De repente, um homem com uma blusa azul e calça preta, o mesmo que nos buscou na sala, começou a falar e disse: “Meu nome é Marçal e sou professor de Educação Física”.

Seria muito desonesto dizer que lembro de tudo que ele falou nesse dia, mas não esqueço jamais de quando ele pegou uma sacola branca e tirou de dentro algo que daria início à minha história profissional: um giz, com o qual começou a riscar o chão. Foi questão de minutos para eu entender que existia um “professor para brincar fora da sala” e outro professor para ensinar os números/letras. Também foi questão de minutos para olhar aqueles rabiscos no chão e ver alguns quadrados numerados.

Imagem 3 - Os rabiscos no chão



Fonte: Acervo pessoal

“É isso, é exatamente isso...”, pensava enquanto pulava, “Vou ser professora amarelinha, não preciso fazer nada, só preciso de um giz. Meu trabalho vai ser brincar o dia inteiro”. Atire a primeira pedra quem nunca na infância perguntou para um professor: “você trabalha ou só vem pra escola?”. Pensei que seria a coisa mais legal do mundo se passasse o dia inteiro brincando com outras crianças pelo resto da minha vida, sem dor de cabeça, reclamações ou desânimos, apenas brincadeiras.

Nas aulas, era impossível apenas brincar sem imitar os passos do professor ou imaginar que um dia também estaria naquela posição. Para Lopes (2006)

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, **representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação.** Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a

memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais (p. 110, grifo meu).

Jamais poderia prever que aquele era o primeiro dia de uma jornada de desafios e descobertas.

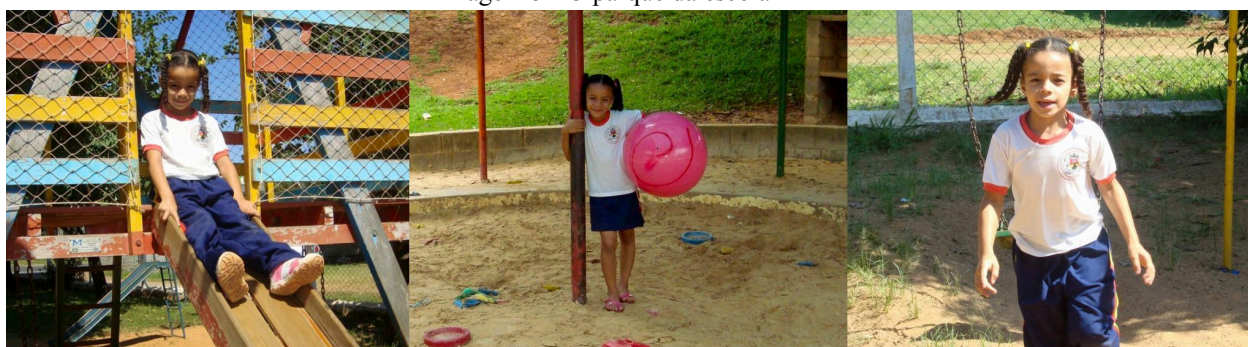
Imagem 4 - A amarelinha: onde tudo começou



Fonte: Acervo pessoal

Os dias foram se passando e as aulas de Educação Física foram se tornando as minhas preferidas. Ainda gostava de desenhos, livros e pinturas, mas o meu amor estava na amarelinha, no parque de areia, jogos, brinquedos e nas bolas que possibilitavam várias brincadeiras com os meus colegas de turma.

Imagem 5 - O parque da escola



Fonte: Acervo pessoal

2.2 A “ESCOLA VERDE”

Não demorou muito para que o Ensino Fundamental I chegasse e com ele novas mudanças. Agora, sabia que estava na hora de ir para um novo lugar, para uma escola de “crianças grandes”. De qualquer forma me sentiria em casa, pois conhecia o espaço, já que praticamente todos os dias ia buscar, junto com minha mãe, minha irmã que estudava ali. Por

causa disso, conhecia alguns professores e os professores também me conheciam, bem como os funcionários.

Imagem 6 - Cabo PM e professora do PROERD / Irmã/ Professor de musicalização (2009)



Fonte: Acervo pessoal

As salas, pátio e o ginásio gigante não eram novidades, fazia parte da rotina brincar nos parques na saída das aulas. O nome da escola era “Prof. Luiz Almeida Marins”, uma escola municipal que também era conhecida como a “escola verde”, já que a cor verde era predominante nas grades e nos muros externos. Localizada no bairro de minha residência, a escola também tinha entrada para o “Sabe Tudo”, um lugar criado para oferecer cursos de informática básica e empreendedorismo para a comunidade. Fazíamos visitas a esse prédio quando precisávamos realizar algumas pesquisas nos computadores disponibilizados.

Imagem 7 - Foto aérea da escola “Prof. Luiz Almeida Marins” ao lado do “Sabe Tudo”



Fonte: Prefeitura de Sorocaba

O novo nos coloca em uma posição, por vezes, indesejada, mas esse novo era diferente, ele não me trazia medo. Esse novo trazia um misto de sensações boas. Muitos pensamentos rodeavam a minha mente, aliás, iria para a escola de crianças maiores que eu, onde o uniforme era outro e os professores também. Iria brincar em um espaço maior, aprender a ler e escrever. O passado tinha ficado para trás, era tudo novo.

A mudança da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, marca uma reconfiguração do espaço, das relações e as expectativas sobre o aprender, resultando em transformações significativas na vida da criança. Compreender esse processo de transição a partir das vivências, concepções e expectativas dos sujeitos, é importante para identificar fatores que podem interferir no desenvolvimento infantil (Marcondes, 2012).

Ao discorrer sobre a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, Martina e Rocha (2015) abordam que

[...] inegavelmente as crianças experimentam um choque entre diferentes papéis: aquele que elas aprenderam a desempenhar na EI e o que se espera delas no EF. As diferenças radicais na forma de organização entre as duas instituições educacionais demandam a constituição de novos modos de funcionamento psicológico, novos modos de ser criança. Na EI, a centralidade do trabalho pedagógico é a atividade lúdica, a rotina é bastante flexível e as crianças possuem mais liberdade e autonomia na realização das atividades. No EF, o foco é a alfabetização, realizada dentro de uma rotina rígida em que, na maior parte do tempo, as crianças devem ficar sentadas em sala de aula, obedecendo às regras e ao ritmo da escola. Nesse cenário, as crianças as crianças *[sic]* desempenham os dois papéis: o de alunos que brincam e estudam (p. 316).

Apesar da boa adaptação na nova fase escolar, por um momento esqueci das aulas de Educação Física e o quanto gostava delas. Meu pensamento agora era de que finalmente estava me tornando gente grande, já que agora tinha uma biblioteca para frequentar, um mini cinema para assistir e até um laboratório de jogos para passar a manhã me divertindo. Meus amigos eram legais, os professores carinhosos, estava aprendendo a ler e tudo parecia se encaixar, menos a matemática.

Até tentei ficar surpresa com o professor de Educação Física, mas já o conhecia pois, como dito anteriormente, frequentava a escola e era conhecida dos professores. O nome dele era Sérgio, “um professor loiro, alto, com cabelos no ombro, com músculos gigantes e dono de um carro jeep”, era exatamente assim que seus alunos o descreviam.

Nas aulas dos primeiros anos, tudo parecia fácil demais, podíamos escolher as brincadeiras e jogos do nosso gosto. Os meninos escolhiam sempre futebol, enquanto as meninas preferiam pular corda ou brincar com bambolês. Aproveitei a facilidade do tempo para conhecer cada cantinho da quadra e os materiais disponibilizados para as aulas livres¹ de Educação Física.

¹ O estudo de Surdi *et al.* (2016) revela que as chamadas “aulas livres” não se configuram em atividades vazias, quando, na verdade, os professores coordenam as atividades a partir do momento que seleciona quais materiais poderão ser utilizados, além de promover a cultura do se-movimentar e do brincar livremente.

Imagem 8 - O parque da escola



Fonte: Acervo pessoal

2.3 OUTRA VEZ O GIZ?

Em um dos episódios mais inesquecíveis da minha vida, num dia de aula na sala do 3º ano, estávamos organizados em fila, ao lado da lousa, para que a professora pudesse corrigir a atividade no nosso caderno. Observei que nessa lousa havia alguns restos de gizes na aba e que algumas crianças estavam pegando escondido para levar para a casa. Da mesma forma, peguei dois gizes e coloquei na mochila.

Ao chegar em casa, a consciência pesou, já que eu sabia que tinha feito algo errado pegando os gizes escondidos da professora. Temendo a correção da minha mãe, peguei uma lousa infantil e comecei disfarçadamente a falar sozinha em voz alta: “Nossa, o giz está acabando... meu giz está acabando...” e ainda em voz alta, continuei: “Nossa, o que é isso na minha bolsa? Apareceu um giz do nada aqui...”. Devido a tantas repetições e para minha infelicidade, minha mãe desconfiou que eu havia pegado os gizes de alguém e, após a minha confissão, descobriu o que realmente tinha acontecido.

No dia seguinte, após uma longa conversa comigo, ela me levou até a escola para devolver os gizes para a professora e contar que eu tinha pegado sem o consentimento dela. Com muita doçura, a professora disse que estava tudo bem, pois me conhecia e que sabia que não tinha feito aquilo por mal.

Depois disso, nunca mais peguei nada de ninguém sem permissão, uma lição que carrego até hoje: se não é meu, não tem porque pegar. Esse acontecimento foi importante na

consolidação dos meus princípios éticos e na formação da minha conduta. O que antes era apenas um símbolo do começo, agora aparece como parte do meu processo formativo. Mais uma vez: o giz me ensinou!

Imagem 9 - Turma do 3º ano



Fonte: Acervo pessoal

Ainda no 3º ano, continuava amando a escola. Todos os dias aprendia algo novo, me interessava por algo e me sentia pertencente ao espaço, mas esses momentos acabaram quando surgiu uma situação desagradável, principalmente na infância: brigar com o grupo de amigas. Agora, estava lidando não apenas com uma escola nova, mas também com um cenário até então desconhecido.

Durante toda a minha vida nunca me senti sozinha, aliás, o que esperar de alguém que foi criada com uma mãe que abdicou da carreira para dedicar momentos preciosos da vida ao seu lado? Não sabia o que significava solidão e não entendia o seu peso. Pela primeira vez me vi sozinha e o mais difícil era entender como tudo aconteceu tão rápido e quais foram as motivações que levaram o grupo a perder a amizade comigo.

Se passaram 1 dia, 2, e não foi preciso que chegasse no 3º. Minha curiosidade não aguentou por muito tempo e tive que implorar para entender o que eu tinha feito, ou, minimamente, pedir o perdão delas. Foi depois de muita espera entre silêncios, cochichos e reuniões que o meu veredito finalmente chegou: “Você não fez nada, nós apenas mordemos a língua e estamos com dor, por isso não podemos falar!”, disse a líder do grupo.

Pensei: “Ufa! Achei que tinha feito algo grave, quase perco meu grupo de amigas por um pensamento totalmente meu e... Espera! O que foi aquilo? Ela piscou para as outras

meninas enquanto falava comigo? Então tudo não passou de um plano para achar que estava tudo bem enquanto todos falavam de mim quando não estava por perto?”

Antes que fosse tarde demais, afirmei com todas as forças que tinha visto uma delas piscando e com certeza estaria mentindo. Achei que elas estavam sem saída e finalmente fariam a verdade após a minha descoberta que “levaria o plano delas por água abaixo”. Sinceramente, esperava tudo, menos a resposta que ouvi: “Eu pisquei sim! Mas pisquei porque caiu água no meu olho e estava me incomodando”.

Naquele momento entendi que por mais que tivesse os melhores argumentos e provas, não iria resolver a situação. Lembro que minha resposta foi exatamente assim: “Sei que não caiu água no seu olho”, e logo após virei as costas e saí. Desculpa, sei que você, leitor, estava esperando uma saída mais dramática, uma atuação digna de Oscar², a parte que a mocinha finalmente passava a ser vilã, mas esse era o meu primeiro problema social, não sabia como resolver.

Depois de responder da forma mais rasa possível, subi as escadas da arquibancada e fiquei observando as crianças brincando na quadra enquanto refletia sobre as minhas ações. Aquele era o momento mais desafiador de toda minha vida, a temida solidão que nunca havia experimentado, já que meus anos de vida foram de presença ativa da família e acolhimento nas escolas anteriores.

Segundo Borsa (2007), a criança carrega aspectos constitucionais e vivências familiares, mas não descarta a importância da escola no desenvolvimento e processo de socialização. A autora descreve ainda, de acordo com Palacios (1995), os processos da socialização dividido em três partes, a segunda refere-se aos processos afetivos de socialização, sendo

[...] uma das bases mais sólidas do desenvolvimento social da criança sendo a empatia (experiência vicária do estado emocional do outro), o apego (vínculo afetivo com as pessoas que cuidam dela) e a amizade, não só uma forma de união ao grupo, mas também mediadores de todo o desenvolvimento social (p. 2).

Todo aquele encanto que tinha pela escola foi se perdendo aos poucos. Não sentia prazer em ler livros, assistir filmes, brincar e a matemática não estava ajudando em nada. As

² Oficialmente chamado de **Academy Awards**, é a principal premiação do cinema mundial, realizada anualmente pela **Academy of Motion Picture Arts and Sciences**, nos Estados Unidos, para reconhecer as melhores produções cinematográficas do ano anterior.

aulas de Educação Física se tornaram as piores, ficava sozinha enquanto assistia todas as outras crianças se divertirem.

A situação ficou cada vez mais crítica, por isso decidi que estava na hora de agir, precisei pensar em algo o quanto antes, e problemas grandes merecem soluções à altura. O primeiro passo foi analisar a gravidade da situação. O segundo, recordar soluções antigas em situações de desespero e foi exatamente nessa parte que lembrei que a escola tinha a total liberdade de ligar para minha mãe ir me buscar se eu não estivesse bem de saúde. Para minha felicidade, minha mãe poderia resolver o problema da minha solidão, já que ela sabia, mais do que ninguém, a importância do tempo de qualidade e do estar perto. O plano estava quase pronto, mas faltava a causa do meu “mal estar”.

Dor de barriga é tão comum quanto a dor de cabeça e naquele momento era impossível simular uma febre, mas a dor de dente me pareceu bem convincente. Sem precisar forçar uma cara triste, desci as escadas da arquibancada e com uma voz fraca e trêmula disse: “Professor, meu dente está doendo muito, você pode ligar pra minha mãe vir me buscar?”. Meu mundo caiu quando ele me disse para beber água e esperar um pouco para observar se passaria.

Juntando a solidão com a decepção da resposta do professor, nasceu o ingrediente que eu precisava para melhorar a minha atuação: a lágrima. Enquanto elas escorriam pelo meu rosto, voltei e refiz o pedido: “Liga para minha mãe vir me buscar, por favor, não estou aguentando”. Em seguida, ele me liberou para ir até a secretaria e pedir que ligassem para minha mãe.

O pedido foi realizado com sucesso, mas não estava confiante que o plano teria êxito já que o tempo passou e minha mãe não apareceu. A aula de Educação Física chegou ao fim e retornamos para a sala de aula, onde fui surpreendida com as batidas na porta, tal qual o professor Marçal no CEI 57. Dessa vez era uma inspetora da escola, que me pediu para organizar minhas coisas pois minha mãe estava no portão para me buscar. Meu plano finalmente deu certo!

Em casa, a dor no dente passou, afinal, ela nunca existiu. Durante a tarde brinquei, desenhei, assisti, mas de nada adiantava fazer tudo que gostava sem a companhia das minhas, até então, amigas.

Na aula seguinte, enquanto vivia sem a perspectiva de quando seria aceita novamente no grupo, decidi repetir a encenação. No mesmo instante, andei devagar o suficiente para simular uma dor e, ao chegar perto do professor, dei a notícia mais sofrida do dia: “meu dente ainda dói, preciso ir embora”.

Dessa vez as lágrimas não foram necessárias, já tinha aprendido a dominar o equilíbrio entre tom de voz e expressões faciais, que finalmente resultaram em um “pode ir na secretaria ligar para sua mãe”. Até chegar na saída do ginásio, andar normal não era uma opção, o formato de locomoção também fazia parte do pacote da atuação. Andar devagar, quase caindo, com a cabeça baixa e a mão na boca era a melhor/pior maneira de sair do campo de visão do professor.

De volta à escola, após o plano sair novamente como o esperado, as coisas estavam cada vez mais complicadas. Em último caso, optei por fazer amizade com uma menina tranquila da turma e passei a ter uma companhia nos intervalos. Ainda assim, na 3ª aula de Educação Física apliquei exatamente o mesmo golpe. Tinha consciência de que esse teatro já estava ultrapassado, mas não conseguia pensar em coisa melhor.

Assim como nas primeiras vezes, após 10 ou 5 minutos do início da aula procurei o professor e implorei para que pudesse ligar pra minha mãe. Estava preparada para as mais diversas reações que o professor poderia apresentar, pelo sim, pelo não e até para a correção. De maneira calma e confiante, ele garantiu que poderia ligar para minha mãe, contudo, teria que ajudá-lo a levar alguns objetos espalhados pela quadra para dentro da sala de materiais, sala essa que armazenava todos os tipos de brinquedos que poderíamos imaginar. “Isso vai ser fácil!”, pensei.

Sem analisar a proposta, fechei negócio e comecei os trabalhos. Entre um material e outro, me perdi no encanto daquela sala, eram tantos brinquedos e todos muito bem organizados. Sem perder o foco, continuava trabalhando incansavelmente até que, após organizar tantos brinquedos, percebi que dessa vez a enganada fui eu. O que achava que levaria no máximo 10 minutos para ser feito, demorou tempo suficiente para durar uma aula inteira. Quando finalmente o trabalho estava perto de acabar, fui surpreendida pelo agradecimento do professor por minha ajuda, enquanto reunia os alunos para o encerramento da aula.

Na sala de aula, já nem lembrava que queria ir embora; o único sentimento presente era de alegria por ter conhecido a famosa “salinha” e, mais do que isso, ter entrado nela. A forma como tudo era organizado na sala parecia ter sido pensado com a consciência de que aquele espaço precisava dialogar com as crianças. Freitas *et al.* (2015) ressaltam que o professor tem um papel importante na construção do espaço, pois deve organizar e escolher os materiais de forma intencional a fim de atender as necessidades e interesses do aluno.

Depois de entrar no único lugar que não conhecia, me senti, pela primeira vez, totalmente pertencente ao contexto total da escola. Após analisar a organização, passei a entender que aquele espaço não era somente do professor, mas também era das crianças e para elas.

A seleção cuidadosa dos materiais e a disposição do ambiente devem favorecer o conhecimento e a relação social. [...] Quando os espaços refletem a cultura, os interesses e as necessidades das crianças, surgem sentimentos de auto valorização e pertencimento, fortalecendo vínculos e o senso de identidade. Por isso, a organização desses espaços deve ser constantemente atualizada e estudada, levando em conta as diversas infâncias presentes, diferentes idades, especificidades, singulares e cultura (Morais, 2024, p. 36).

Após alguns dias, era aula de Educação Física de novo e, como poderia prever, o professor Sérgio me pediu para pegar alguns materiais na sala. Agora eu era oficialmente a sua ajudante! Ser “ajudante do dia” é o ápice da fama para qualquer criança, mas eu estava além disso, era a ajudante fixa, o que me tornava famosa e dona de um status desejado por todos os alunos (isso era o que pensava). Na verdade, todo esse espetáculo só acontecia em meus pensamentos, já que todas as outras crianças estavam ocupadas demais brincando em grupos e longe de qualquer disputa por cargos inexistentes.

Desconfio que esse foi o início de uma das partes mais bonitas da minha história com a Educação Física: ajudante do professor Sérgio. Dor de dente? Nem sabia mais o que era isso. Agora minha preocupação era apenas cuidar da sala de materiais e fingir que era uma professora.

O faz-de-conta era tão intenso que parecia real. Explorava sem limites a minha imaginação e imitava cada passo do professor. Ao refletir sobre o jogo de faz-de-conta, concordo com Barboza (2015, p. 4) quando diz que,

Quando as crianças, no jogo simbólico estão fazendo representações de papéis, como, por exemplo, imitando a mãe sendo dona de casa, a professora dando aula, dentre outros fatos, são observações realizadas por elas mesmas, e isso contribui para a construção de sua vida social. Então, é uma brincadeira de grande influência

no processo da Educação Infantil para as crianças desenvolverem também a identidade e o aspecto cognitivo, motor, social, afetivo, trazendo novos significados para o faz-de-conta.

Inesperadamente, uma nova missão surgiu. Dessa vez, o desafio era aprender a pular corda sozinha, mas com a supervisão do professor. Em meio a inúmeras tentativas, fiz novas amizades que fizeram com que esse momento de aprendizagem se tornasse divertido e cheio de risadas, principalmente quando os três pulos consecutivos apareceram anunciando uma nova brincadeira aprendida.

Em casa, posicionava as bonecas no chão, montava a lousa e começava a aula de português com algumas letras aleatórias no quadro, mas tudo mudou depois de conhecer a Educação Física. As aulas de língua portuguesa que antes duravam a tarde inteira, passaram a ser no máximo cinco minutos. Os alunos, que permaneciam intactos no chão, sempre eram surpreendidos por um anúncio eufórico: “Tchau, alunos, a aula acabou, agora vou pular corda”.

O professor Sérgio me ensinou muitas brincadeiras ao longo dos anos. “Pular corda” e “cinco marias” foram as que mais me marcaram. Passei a ensinar o que aprendia para outros amigos na escola, na rua e até para a minha turma de cinco alunos em casa, adaptando a brincadeira de acordo com o grupo, já que até para minha turma de três bonecas e dois ursos eu ensinava. Dessa forma, evidencia-se a ideia de Freire (1966) de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Por mais que pareça que o mérito é totalmente de uma criança cheia de autonomia e confiança, por trás de tudo isso houve a presença de um professor atento que soube ler de maneira perfeita a situação que estava ocorrendo. Hoje, entendo que o professor sabia desde o início que a minha dor não era real, mas entendeu e permitiu as ligações para minha mãe apenas para criar uma conexão e um vínculo de confiança. Ele era alto e forte, conseguia sem dúvidas guardar os materiais sozinho, mas pediu a minha ajuda só para eu permanecer na aula.

Existiu uma movimentação silenciosa para solucionar uma situação que ele percebia o desconforto presente. Não era um mal-estar físico, mas talvez ele tenha enxergado além disso, o desconforto causado pela exclusão, algo tão comum e marcante na infância.

Como já citado, alguns professores já me conheciam, entre eles o professor Sérgio, que conhecia minha família e sabia que aquele comportamento não era comum, por isso transformou aquilo que poderia ter se tornado um episódio traumático em uma ação atenta e uma escuta sensível, refletindo a ideia de que

[...] a relação professor/aluno em meio ao ensino/aprendizagem, depende fundamentalmente, do ambiente estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles (Brait *et al.*, 2010, p. 6).

Um gesto aparentemente pequeno e simples, me mostrou a verdadeira Educação Física. O convite para ajudá-lo a guardar os materiais surgiu após ele compreender que, pelo menos naquele momento, eu precisava confiar nele antes de qualquer outra coisa. O convite não apareceu em uma ordem, repreensão ou castigo, tudo ocorreu de forma natural resultando em um processo calmo e tranquilo para ambas as partes. Essa foi a melhor maneira encontrada para me incluir novamente, me acolher sem expor e me oferecer um lugar de pertencimento.

A partir daí, minha participação nas aulas aumentou e mal podia esperar pelo horário da Educação Física. Cada aula era uma nova brincadeira, uma nova curiosidade e uma nova experiência. Uma das mais inesquecíveis foi quando aprendemos sobre o atletismo.

Lembro de como sentamos em roda no chão da quadra e nos apertamos para conseguir enxergar e assistir o vídeo sobre atletismo na tela de um pequeno notebook. Foi nesse exato momento que recebi minha primeira e única correção do professor. Decidi conversar com uma colega justamente na hora da explicação e fui surpreendida com a voz firme, mas tranquila, do professor que me pediu para repetir o que ele tinha acabado de explicar. Mesmo negando que estava conversando, não pude repetir as palavras, pois não as tinha escutado.

Dentro de poucos minutos, nos dirigimos em fila para a área externa e fomos surpreendidos pelo cenário que havia sido montado. Sérgio construiu estações para que pudéssemos experimentar os tipos de arremesso. Diferentes bolas e cabos de vassoura, ajudavam a construir o espaço. As bolas não eram tão leves, mas de forma alguma eram pesadas para uma criança, assim como os cabos.

O objetivo era arremessar o mais longe possível, após isso, faríamos marcações para medir a distância. A única regra era levar a bola para trás da orelha e arremessá-lá para frente

com força. Já com o cabo, que representava a vara, deveríamos levar o braço dominante para trás e lançá-lo para longe, tentando seguir uma linha reta.

Não me recordo o tempo de duração da aula, mas sei que foi tempo suficiente para aproveitarmos e nos divertirmos, sem a pressão de necessariamente ganhar a disputa ou se aborrecer com a derrota.

Essa dinâmica, também caracterizada como jogos cooperativos, tem por objetivo

favorecer o aprendizado por meio da cooperação, da aproximação entre as pessoas, sem, no entanto, enfatizar a competição. Nesse tipo de jogo, a meta do grupo é a superação de obstáculos e desafios coletivos, visando à participação de todos os envolvidos nesse processo, sem a exclusão de nenhum integrante e independente das suas características particulares, como nível de habilidade, sexo, ou de outras que poderiam, em diferentes contextos, impedir um indivíduo de jogar em conjunto com os demais (Fonseca e Silva, 2013, p. 589).

Aprendemos que a vitória do colega também era a nossa, por isso nos dividimos de modo com que os habilidosos estivessem sempre disponíveis para ajudar aqueles com dificuldades de realizar o movimento. Esse foi um dia memorável para a turma, mas o melhor ainda estava por vir. Além dos jogos cooperativos de arremessos, Sérgio realizou uma competição de salto em altura, dessa vez dentro do ginásio e de forma individual.

Tudo estava devidamente organizado. Na outra ponta da quadra estavam alguns colchões que serviriam para a nossa queda durante o salto. Junto a eles, estava uma vara na horizontal, posicionada de modo que a sua altura pudesse ser ajustada. Antes do início da competição, recebemos a explicação de como deveria ocorrer o movimento exato do salto, da mesma forma que tínhamos assistido nos vídeos.

Todos se organizaram em fila para o início da competição. O desafio era correr e saltar por cima da vara para que a queda acontecesse no colchão. Na primeira fase, todos conseguiram passar, já que a altura para saltar sobre o obstáculo era pequena. Na segunda, alguns foram eliminados. A competição seguiu eliminando participantes a cada rodada, a cada nível a vara subia e a dificuldade aumentava na mesma proporção.

A última rodada foi o auge da dificuldade, o que permitiu a permanência apenas dos finalistas, não surpreendentemente eu estava entre eles. Mesmo acreditando no meu potencial e esperando chegar logo em casa para contar a notícia da minha possível vitória, duvidei, por um momento, que conseguiria. Como desistir não estava nos planos, fiz a primeira tentativa e falhei.

Os finalistas tinham direito a duas chances, por isso voltei para uma nova e última. Precisei do incentivo do meu grande “treinador” que na mesma hora abaixou para ficar na minha altura e disse: “Você consegue! É hora de dar tudo de si. Corra o mais rápido que puder e pule o mais alto que conseguir”. Ele estava certo, já que após respirar fundo, me concentrar e seguir suas instruções, dei um pulo nunca dado antes e consegui vencer o desafio que minutos atrás era impossível.

Para encerrar e comemorar a competição, todos os participantes ganharam adesivo de estrela. Quem conseguiu cumprir todo o desafio recebeu três estrelas. Desfilei pela escola, com mais dois colegas que também ganharam a competição, cheia de orgulho, fazendo questão de explicar com empolgação para as outras turmas o que significava as três estrelas grudadas em nosso peito.

Durante cinco anos, me diverti, brinquei, aprendi e cresci em um ambiente cercado por profissionais e amizades incríveis. No quinto ano, passei a estudar em período integral: estava na escola às sete da manhã e só voltava para casa às quatro e meia da tarde. Pela manhã, frequentávamos a Escola “Luís Almeida Marins”; à tarde, éramos direcionados à Oficina do Saber, localizada do outro lado da avenida, onde participávamos de aulas de jogos e brincadeiras, musicalização, além de aprendermos conteúdos como capoeira e informática.

Sem dúvidas, o meu amor pela Educação Física nasceu no CEI 57, com o professor Marçal, mas só continuou, se moldou e cresceu, por causa do professor Sérgio nos anos seguintes. Foi ele que me ensinou a pular corda sozinha, a brincar de rouba bandeira, a jogar cinco marias, me ensinou sobre o atletismo, a superar os meus medos, acreditar em mim mesma e amar o que hoje estudo. É impossível pensar em Educação Física sem lembrar dessa parte da minha história.

3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS FINAIS E ENSINO MÉDIO

O Ensino Fundamental II bateu na porta e se despedir desses momentos, daquela escola e de tudo o que vivi ali foi difícil de aceitar. A única parte que parecia vantajosa era a de finalmente poder entrar na sala de aula depois do intervalo sem precisar recitar a tabuada, pois a minha professora do 5º ano só nos deixava entrar após falarmos a tabuada de um número aleatório, o que acabava, por vezes, me deixando para o lado de fora.

Sentia que na próxima escola as coisas seriam diferentes, mas também não seria uma novidade já que, assim como na escola “Luiz Almeida”, minha irmã já tinha estudado e me contado tudo sobre lá, inclusive que agora iríamos escrever de caneta e não mais de lápis.

A escola estadual “Rafael Orsi Filho” também era localizada no bairro de minha residência. Lá, tudo mudou repentinamente: agora escrevíamos de caneta, a matemática deixou de ser 2+2 e a Educação Física era na sala de aula. Levou um tempo para que me adaptasse totalmente à nova escola, conhecia apenas uma colega da escola anterior que foi importante na minha rápida socialização com os outros alunos.

Imagem 10 - E. E. Prof. “Rafael Orsi Filho”



Fonte: Acervo pessoal

Quando iam registrar a frequência, os professores perguntavam: “Você é a irmã da Mariana Paixão?”, assim que viam meu sobrenome. De fato, quase todos os professores e funcionários me conheciam. Até certo ponto, isso me deu liberdade e ao mesmo tempo me trouxe cobranças, uma vez que se esperava de mim a mesma constância e dedicação que minha irmã demonstrava nos estudos. Nas reuniões de pais, o comentário era sempre o mesmo: “É uma ótima aluna, igual à irmã, mas conversa muito”.

Diferente das disciplinas da área de exatas onde continuava tendo dificuldades, o meu amor pela Educação Física permanecia. Tínhamos aulas duas vezes por semana; às terças ficávamos em sala de aula para aprofundar o conteúdo indicado pelo Caderno do Aluno, uma apostila distribuída pelo governo que reunia os conteúdos nos quais as aulas eram baseadas; às quintas tínhamos a felicidade de ir até a quadra.

Durante quase todo o ano, seguimos o conteúdo proposto pelo Caderno do Aluno, que se concentrava exclusivamente no Judô. Esperávamos que as aulas de quinta serviriam para que pudéssemos ao menos explorar a luta na prática, mas quando chegávamos na quadra a situação era sempre a mesma: meninos ocupando todo o espaço para jogar futebol, enquanto as meninas ficavam responsáveis pelos jogos de tabuleiro ou vôlei em um espaço aberto ao lado. Os conteúdos da apostila mudavam a cada semestre, mas a rotina em quadra era a mesma todas as semanas.

No oitavo ano, uma nova professora de Educação Física assumiu a turma. Em quase todas as aulas, tínhamos pequenas discussões e trocávamos indiretas, até que, em uma reunião de pais, ela reconheceu a minha mãe e, pelo sobrenome, percebeu que eu era irmã de uma ex-aluna dela. Depois desse encontro, tudo mudou drasticamente e passamos a ser parceiras. Conversávamos todas as aulas, e ela indicava faculdades na cidade, sugeria conteúdos para eu estudar e compartilhava com frequência a história dela com a Educação Física, que levo como inspiração até hoje. Ela acompanhou a turma até o segundo ano do Ensino Médio e, no terceiro, a professora voltou a ser a mesma que tinha nos acompanhado no sexto e sétimo ano.

Mesmo com a boa convivência com ambas as professoras, ficamos presos à mesma situação de “aula livre” durante todo o Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Os conteúdos estudados em sala nunca chegaram a ser trabalhados e/ou discutidos em quadra, revelando um “abandono docente” que, segundo Santini e Neto (2005), corresponde à ausência de compromisso ético, político e pedagógico-profissional do professor em relação aos alunos. Esse desinvestimento pedagógico também é caracterizado por Souza *et al.* (2018) como

a ausência de planejamento que contemple a variedade de conteúdos pertencentes à especificidade da EF e a ausência de objetivos coerentes com a função da disciplina, concatenados com os da escola. Muitas vezes, o professor de EF apresenta práticas sem intencionalidades claras, cuidando dos alunos e dos materiais, compensando o tédio dos alunos produzido nas outras disciplinas (pág. 148).

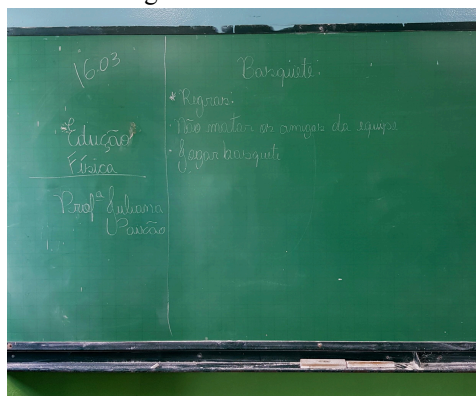
As aulas eram sempre previsíveis e desinteressantes, de modo que cada aluno procurava por conta própria o seu divertimento. Ao realizar um estudo sobre a motivação dos alunos de Ensino Médio nas aulas de Educação Física, Chicati (2000) concluiu que entre as principais causas da desmotivação dos alunos em participarem das aulas, está a repetição, desde o Ensino Fundamental, de conteúdos curriculares que não estão sendo contemplados de forma geral, de modo que o professor necessite de um suporte em suas atualizações.

Em 2020, no terceiro e último ano, comecei a fazer cursinho pré-vestibular em fevereiro e logo no mês seguinte fomos surpreendidos com o contexto da Covid-19. No fim de semana, recebemos a informação de que ficaríamos no máximo 15 dias afastados, depois tudo voltaria ao normal. Ficamos extremamente felizes com as “férias inesperadas”, mas como tudo ainda era incerto, decidimos ir para a escola na segunda-feira, mesmo sem saber o que aconteceria na sequência.

Pouquíssimos alunos estavam presentes, muitos estavam em casa receosos com o avanço do vírus. Sem atividades para realizar, ficamos conversando durante toda a manhã. Em um dos momentos, quando o assunto era sobre profissões, comentei com uma professora substituta o meu desejo de cursar licenciatura em uma universidade federal; ela riu e, com tom irônico, disse: “Boa sorte”. Logo em seguida, completou dizendo que era muito difícil passar em uma universidade federal e que provavelmente eu não conseguiria.

Sem dar crédito às suas palavras, brinquei com meus colegas que a partir daquele momento eu era a professora, por isso peguei um giz e escrevi na lousa: “Profª Juliana Paixão”. Depois de escrever mais algumas coisas, tirei uma foto sem imaginar que aquele era o meu último dia na escola e aquela seria a última recordação em foto que teria do lugar em que estive durante quase 7 anos da minha vida.

Imagem 11 - A última foto



Fonte: Acervo pessoal

O resto da história é conhecido e quase igual para todos: confinados em casa. Meu terceiro e último ano foi totalmente à distância, com aulas remotas. O estado de São Paulo disponibilizou uma plataforma chamada CMSP (Centro de Mídias São Paulo), onde assistíamos diariamente a aulas remotas que, ao longo da semana, contemplavam todas as disciplinas da grade escolar. O que antes era uma sala de aula física com no máximo 30 alunos, agora contava com milhares de estudantes de todo o estado conectados ao mesmo tempo por um aplicativo digital.

De casa, realizávamos as atividades oferecidas pelo aplicativo e, depois de concluí-las, enviávamos para os nossos professores por meio de fotos. Com base nisso, eles atribuíam as notas e também registravam a frequência.

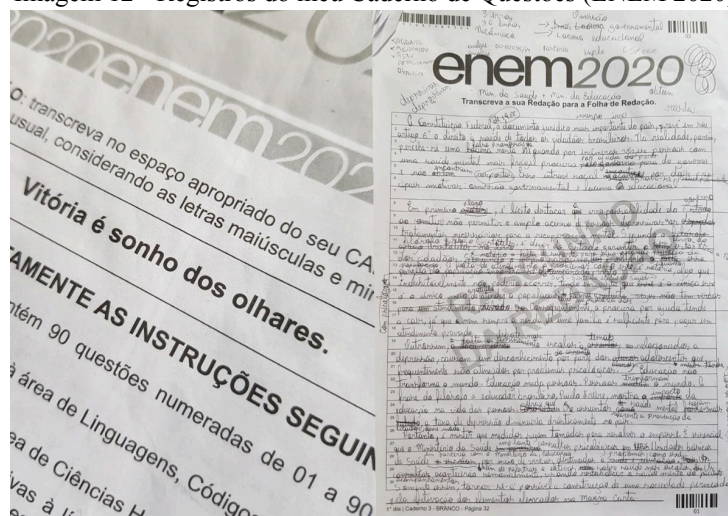
4. A CONCRETIZAÇÃO DO SONHO

À medida que o fim do ano se aproximava, decidi me inscrever no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), que tem como uma de suas finalidades servir como critério de acesso às universidades públicas. Fiz a inscrição sem grandes expectativas, queria apenas conhecer a dinâmica da prova e testar meus conhecimentos, tinha certeza de que não passaria. Sentia que meu Ensino Médio havia sido prejudicado pela falta de um acompanhamento próximo dos professores, principalmente de língua portuguesa e matemática.

Estudei por apenas uma semana antes da prova. Nessa semana, decorei algumas citações de grandes pensadores, soluções e problemas para usar como referência na redação. Durante todos os anos que estive na escola (mais o ano de ensino remoto), nunca havia feito uma redação. O cursinho pré-vestibular, que havia começado no início do ano, também foi interrompido logo após duas aulas presenciais e não chegou a retornar no formato online. Por isso, a primeira redação que escrevi foi exatamente no dia da prova.

Por conta da pandemia, a aplicação do exame estava atrasada, de forma que a prova de 2020 ocorreu em Janeiro de 2021. No primeiro dia da prova, o nervosismo tomou conta, mas consegui me acalmar ao ler a frase estampada no meu caderno de provas: “Vitória é o sonho dos olhares”. Interpretei aquilo como um sinal de que minha jornada na capital do Espírito Santo, o estado em que pretendia morar para estudar, e o sonho da faculdade dariam certo. Semanas depois, o resultado foi divulgado; foi uma surpresa saber que havia alcançado 900 pontos.

Imagem 12 - Registros do meu Caderno de Questões (ENEM 2020)



Fonte: Acervo pessoal

Quando foi liberada a escolha do curso, estava muito certa do que queria: Educação Física Licenciatura. Com a pressão do prazo de escolha chegando ao fim, fui tomada por uma dúvida diante da responsabilidade de escolher algo que mudaria a minha vida pelos próximos anos. Comecei a refletir sobre as minhas opções e percebi que, ao longo da vida, a fotografia também era um desejo forte. Como decisão final, coloquei como opções os cursos de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) e Educação Física Licenciatura, ambos na UFES, pois a intenção era de morar com a minha irmã no Espírito Santo quando a pandemia passasse, já que ela estava cursando Administração nesta universidade.

No dia do resultado, estava confiante de que passaria e realmente passei no curso de Educação Física Licenciatura. Ao mesmo tempo em que minha irmã se formava de forma remota, os meus estudos se iniciaram no formato EARTE, sendo uma modalidade on-line emergencial para que estudássemos a distância por um período temporário, uma realidade cheia de dificuldades e de difícil adaptação para todos.

Os desafios emergiram em diferentes dimensões, desde as limitações tecnológicas e de acesso à internet até a necessidade de redefinir metodologias de ensino para se adequarem a um ambiente virtual. Alunos e educadores enfrentaram uma curva de aprendizado acentuada, adaptando-se a novas plataformas e formas de interação educacional, muitas vezes sem a preparação adequada (Silva Oliveira, 2023, p. 4).

Nos primeiros meses, o maior desafio foi saber que não conhecia ninguém da graduação porque ainda estava em São Paulo, enquanto 99% da turma era do Espírito Santo. Ainda no primeiro período, alguns grupos realizaram encontros presenciais na intenção de se conhecer melhor, enquanto eu acompanhava tudo por fotos.

Apesar do medo de não conseguir me enturmar, comecei, mesmo de longe, a conhecer as pessoas da minha turma à medida que íamos nos reunindo, à distância, para realizar trabalhos em grupos. Alguns professores chegaram a organizar encontros presenciais com o objetivo de conhecer os discentes e realizar visitas no CEFD (Centro de Educação Física e Desportos).

Meu único contato com a UFES havia ocorrido em 2019, durante um passeio à cidade de Vitória com minha irmã. Ainda assim, conheci apenas uma parte da universidade e não passei sequer perto do CEFD.

Imagem 13 - Conhecendo a UFES



Fonte: Acervo pessoal

Embora tenha cursado o terceiro ano do Ensino Médio de forma remota, demorei para me adaptar ao EARTE. Pensei em desistir da graduação, principalmente por problemas de concentração durante as atividades, leituras e aulas. Em um dos comentários registrados na elaboração de portfólio na aula de Seminário Articulador de Conhecimento (SAC) II, escrevi sobre as dificuldades em me adaptar ao modelo EAD (Ensino à Distância), vontade de trancar o curso, incertezas sobre ter feito a escolha certa de curso e o medo da vida que me esperava no retorno às aulas presenciais.

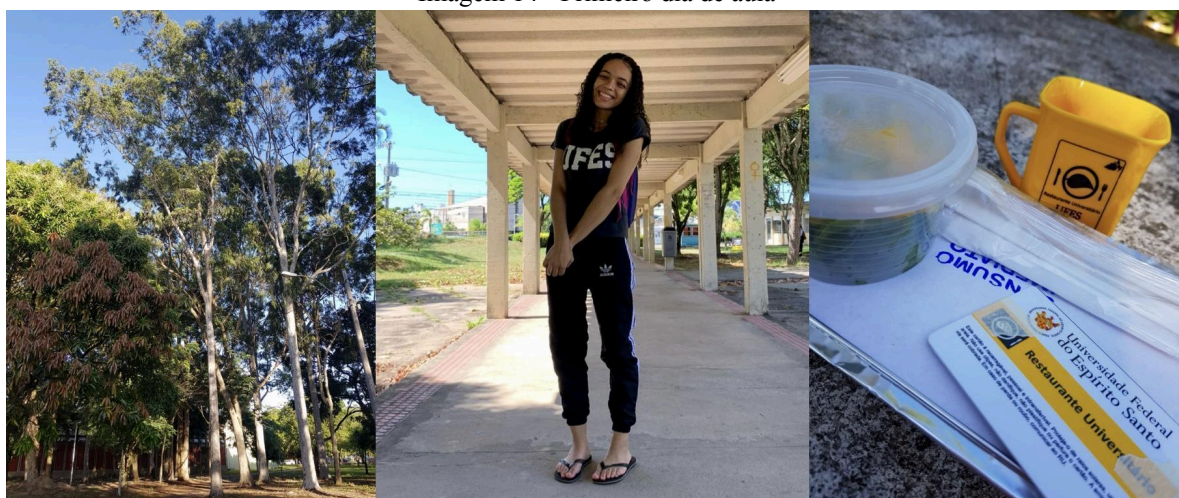
Depois de 2 períodos no ensino remoto, totalizando 1 ano, veio a notícia de que as atividades presenciais seriam retomadas, já que o mundo estava voltando aos seus exercícios sem confinamentos. Nessa hora o desespero tomou conta, já que a minha intenção desde o início era vir para o Espírito Santo morar com minha irmã. No entanto, ela se formou durante a pandemia e decidiu que continuaria morando em São Paulo.

Por dias, fiquei entre duas questões: desperdiçaria um ano de estudos ou viria para o Espírito Santo começar uma nova etapa da minha vida? Mesmo tendo parentes na cidade, precisaria morar sozinha e, após uma vida inteira morando com meus pais, essa mudança não seria simples, exigia coragem. Sem saber ao certo o que me esperava, decidi que arriscaria uma nova vida no novo estado.

4.1 EXPERIÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS

No dia 13 de abril de 2022, 4 dias depois do meu aniversário de 19 anos, mudei para o Espírito Santo e, no dia 18 do mesmo mês, conheci pela primeira vez o CEFD e os meus colegas, que até então só via pelas telas. Como o esperado, muita coisa mudou e os comentários que antes transmitiam medos e indecisões, se transformaram em total euforia diante das experiências marcantes que passei a viver todos os dias.

Imagem 14 - Primeiro dia de aula



Fonte: Acervo pessoal

Logo no 3º período, sendo o primeiro presencial, participei como voluntária do projeto “Brinquedoteca: aprender brincando”, do Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA), e no 5º entrei como bolsista do projeto por alguns meses.

Ao longo dos períodos, a parceria entre colegas e a participação como voluntária em vários eventos da universidade (principalmente em congressos), foram essenciais para minha permanência e constância nos estudos.

Mesmo com quase 60 disciplinas na grade, minhas preferidas sempre foram as relacionadas à Educação Infantil. As oficinas, sendo as disciplinas com conteúdos totalmente práticos, também conquistaram um lugar especial, já que, de certa forma, amenizaram a falta de vivências no Ensino Médio e no Ensino Fundamental I.

As experiências vivenciadas durante o estágio obrigatório na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, foram momentos enriquecedores e bem aproveitados. Foi nesse contexto que tive a oportunidade de acompanhar a rotina e dinâmica de funcionamento da escola. O CMEI onde realizei esse estágio obrigatório, mais tarde, se tornou o mesmo espaço

de atuação no estágio remunerado, o que possibilitou uma continuidade das vivências e uma aproximação ainda maior com a realidade escolar.

Por outro lado, a realização do estágio obrigatório no Ensino Fundamental II coincidiu com a realização dos Jogos Escolares Municipais de Vitória (JEMVI), de forma que a atuação do grupo foi totalmente de acompanhamento dos alunos durante a competição, sem a ministração de nem mesmo 1 aula. De forma semelhante, a realização do estágio no Ensino Médio foi prejudicada já que o período de férias escolares coincidiram com as datas previstas para o estágio, sendo possível aplicar apenas 2 aulas, ambas relacionadas ao conteúdo de capoeira.

Apesar dos desafios, não consigo definir em palavras o quão enriquecedor foi ter vivido tantas experiências durante a graduação. Mesmo distante da família, nunca estive sozinha, pois pude contar com a ajuda de amigos e professores, os quais construíram vínculos afetivos e me mostraram que a caminhada acadêmica pode se tornar mais leve e proveitosa quando encontramos as pessoas certas.

4.2 O REENCONTRO COM A EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando criança, desde as minhas primeiras experiências na Educação Infantil, quando decidi ser professora amarelinha, sempre tive a convicção de que seria “professora de crianças”, como chamava. Desde lá, lecionar para o Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio nunca foi um desejo. Os estágios obrigatórios nestes dois períodos só confirmaram que a minha vocação profissional realmente é a Educação Básica Inicial e que me sinto realizada quando atuo nessa fase escolar.

No início do 7º período, enquanto a universidade passava por uma grave, fui para São Paulo mas retornei em menos de um mês por ter conseguido encontrar uma vaga de estágio não-obrigatório em um Centro de Educação Infantil (CMEI), pela Prefeitura de Vitória, o mesmo em que realizei o estágio-obrigatório.

No dia 14 de maio de 2024, iniciei as atividades do estágio remunerado. Acompanhei a turma do Grupo 5, com crianças de 4 a 5 anos, onde permaneci até o fim do ano. Em pouco tempo, pude me adaptar e criar vínculos afetivos, não só com a equipe escolar, como também

com as crianças, me tornando até inspiração de fantasia nas sextas-feiras, ouvindo carinhosamente frases, como: “Hoje estou de ‘Tia Ju’.”

Imagem 15 - A “Tia Ju”



Fonte: Acervo pessoal

Não desvalorizo os conhecimentos aprendidos ao longo da graduação, mas acredito que, apesar da teoria ser a base do saber, a prática do estágio foi a melhor forma de descobrir que, por vezes, o discurso na graduação é atrativo e faz tudo parecer fácil e encantador, quando na verdade precisamos lidar com diversos problemas e situações que não foram abordadas em nenhuma disciplina.

Reforço que a teoria é a base, mas é preciso saber o que usar e como dosar esse conhecimento, pois o processo de escolarização muda com o tempo. Por vezes estudamos, discutimos e reproduzimos discursos e temas do século passado, mas devemos considerar que a escola muda com o passar dos anos e, junto a isso, os desafios, de forma que as concepções passadas não conseguem se sustentar o suficiente para serem aplicadas nos dias de hoje.

No estágio, aprendi a trabalhar com as crianças, famílias e equipe pedagógica. Apesar de ter realizado o estágio-obrigatório neste mesmo Centro de Educação, foi só no estágio não-obrigatório que compreendi o funcionamento da organização escolar e como se dá o processo de rotina das crianças, já que passei a frequentar o CMEI todos os dias da semana.

Imagem 16 - O Grupo 6



Fonte: Acervo pessoal

Ainda que esteja cursando Educação Física Licenciatura, não acompanho exclusivamente um professor da área. O estágio se aproxima da área da pedagogia, pois passo a maior parte do tempo com a professora regente em sala de aula, participando das atividades de Educação Física apenas nos dias em que a turma as realiza, ou seja, três vezes por semana.

Foi nesse período de estagiária que encontrei a possibilidade de aplicar as minhas experiências da Educação Infantil com papéis invertidos, sendo agora na posição de professora. Durante os momentos com as crianças, busco trabalhar uma prática pedagógica baseada na escuta e afeto, assim como os momentos que vivenciei na infância.

Com algumas mudanças na turma, neste ano de 2025 acompanho o mesmo grupo, sendo agora o Grupo 6. É totalmente visível o quanto cresceram, se desenvolveram e como usam a criatividade para a resolução de problemas. Recordo que nos meus primeiros meses na escola, fazia-se necessário entregar individualmente as fichas com o nome de cada criança. Hoje, tenho a felicidade de vê-los escrever o próprio nome sozinhos, alguns até com letra cursiva.

Quase todos os dias, recebo desenhos e cartas que reforçam o quanto a troca de afeto estabelecida no dia a dia é significativa para a confiança que o aluno desenvolve no professor, confiança essa que permite a aproximação e a criação de vínculos importantes para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma precisa, possibilitando a troca de conhecimentos de ambas as partes.

Imagem 17 - As “cartinhas” das crianças



Fonte: Acervo pessoal

5. REFLEXÕES FINAIS

Ao escolher narrar a minha própria história, percebo que parar para refletir sobre tudo o que experimentei e vivenciei desde as primeiras experiências com a Educação Física ainda na Educação Infantil, é um exercício que me fez, e ainda faz, reconhecer o quanto minha trajetória profissional está fundamentada em aprendizados que moldaram a minha identidade docente. A partir desta perspectiva, concordo que é na narrativa que encontro os sentidos da experiência (Connelly *et al.*, 1995), pois é por meio dela que consigo atribuir significados às vivências que marcaram minha formação e que continuam a contribuir na minha prática docente.

Uma ideia inocente de ser uma “professora amarelinha” que surgiu ainda criança, sem um pensamento estruturado, acabou moldando a minha vida inteira. Apesar disso, não me contento em apenas registrar a minha história sem pensar no meu futuro. Agora, me pergunto sobre qual professora quero ser e o que espero do meu futuro docente. Por isso, desde que comecei a escrita deste trabalho penso em como tudo isso me atravessou a ponto de proporcionar tais experiências aos meus alunos.

Como a minha prática pedagógica foi formada e, mais do que isso, como penso a Educação Física hoje? Ora, quando criança, pensava que os professores não tinham um trabalho. Hoje, compreendo a importância do professor principalmente como agente ativo na formação integral dos alunos, visto que somos seres em formação atuando no processo formativo de outros indivíduos. Da mesma forma, vejo que a participação efetiva e afetiva dos professores na minha vivência escolar, foi um fator determinante para a construção da identidade docente que hoje carrego, identidade essa que está em constante processo de trans(formação) e (re)construção a depender da troca de saberes, principalmente entre professor-aluno.

A prática pedagógica se forma quando atravessa o ensino-aprendizagem com intencionalidade e ações que conferem significados a essas intenções (Franco, 2016), de modo que o professor e aluno atribuam sentidos ao processo formativo, não sendo apenas uma transmissão de conteúdos, mas uma construção conjunta de saberes. Não basta pular amarelinha, é necessário que exista a reflexão do motivo de eu, aluno, estar pulando e a razão de eu, professor, estar ensinando. Nesse sentido, penso a minha estratégia pedagógica, o

ensinar, com base na influência das minhas experiências marcadas por momentos de trocas, acolhimento e afeto.

Acredito no potencial do afeto profissional na relação professor-aluno como aliado na educação. No entanto, o afeto não substitui o conteúdo, assim como o conteúdo não exclui o afeto, mas ambos caminham juntos e se completam no processo de aprendizagem, permitindo que os alunos se lembrem do professor e **como** escolhia compartilhar os seus conhecimentos. Nas palavras de Tassoni (2000),

[...] é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. [...] Da mesma forma, é a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo [...]. No decorrer do desenvolvimento, os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar (pág. 3).

Na Educação Física, isso é ainda mais visível pois, diante de uma visão reducionista da área, não se trata apenas de promover o desenvolvimento motor, mas também da presença e mediação do professor para favorecer o cognitivo e socioemocional. A atuação do professor de Educação Física ultrapassa os limites do corpo e alcança o ser humano em sua totalidade, contribuindo para a formação como um todo do aluno.

Agora, o espaço que me acolheu como aluna me recebe como professora e me entrega a responsabilidade de formar cidadãos conscientes para o mundo. O exercício de escrita me levou a refletir sobre quais marcas quero deixar nos meus alunos e quais acontecimentos devo realizar para que se sintam vivos e motivados para seguirem seus interesses.

A cada ano que se passou, entendi que a dúvida nunca fez parte de mim, sempre foi a Educação Física. Não é fácil se encontrar, mas tive a sorte de nunca estar perdida. Sigo na caminhada da construção da minha identidade docente, que não se acabará hoje, nem amanhã, e nem depois de amanhã... Continuo na expectativa de ser professora amarelinha para os meus alunos, servindo, quem sabe, de inspiração e pronta para gastar quantos gizos forem necessários para rabiscar os quadrados no chão que abrirão caminho para as suas escolhas de vida. Um professor pode fazer muito com um giz!

Imagem 18 - “Professora Amarelinha”



Fonte: Acervo pessoal

*A vida se abrirá num feroz carrossel
E você vai rasgar meu papel
O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado, se lhe dá prazer
A vida segue sempre em frente, o que se há de fazer?
Só peço a você um favor; se puder
Não me esqueça num canto qualquer*

O caderno - Toquinho

REFERÊNCIAS

- ACADEMY HISTORY AND STRUCTURE | Oscars.org | **Academy of Motion Picture Arts and Sciences**. Disponível em: <https://www.oscars.org/academy-history-and-structure>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- BARBOZA, Leticia. **O faz de conta**: simbólico, representativo ou imaginário. 2015.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002.
- BORSA, Juliane Callegaro. **O papel da escola no processo de socialização infantil**. Rio Grande do Sul, p. A0351, 2007.
- BRAIT, Lílian Ferreira Rodrigues et al. A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. **Itinerarius Reflectionis**, v. 6, n. 1, 2010.
- BRAZIL. DEPARTAMENTO DE POLÍTICA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL;
BRAZIL. COORDENAÇÃO GERAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: Conhecimento de mundo. MEC/SEF, 1998.t.
- CAPARRÓZ, Francisco Eduardo. **Elaboração de memória profissional I**. Universidade Federal do Espírito Santo, Pró-licenciatura em Educação Física modalidade EAD, 2009.
- CHARLOT, Bernard. Ensinar a educação física ou ajudar o aluno a aprender o seu corpo-sujeito. **Educação física, esporte e sociedade**: temas emergentes. São Cristóvão: Editora da UFS, p. 231-46, 2009.
- CHICATI, Karen Cristina et al. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.
- CONNELLY, Michael; CLANDININ, Jean; LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- FONSECA, Fernando Richardi da; SILVA, Emília Amélia Pinto Costa. Os jogos cooperativos na Educação Física escolar: favorecimento das relações interpessoais. **ConScientiae Saúde**, v. 12, n. 4, p. 588-597, 2013.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, p. 534-551, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 1996.

FREITAS, Francine et al. O espaço da escola de educação infantil como favorecedor do protagonismo infantil. **DiversaPrática**, v. 2, n. 2, 2015.

GONÇALVES, Renata. Um estudo de caso sobre a brincadeira do FORT-DA como indício de estruturação do sujeito. **Estilos da Clínica**, v. 23, n. 3, p. 626-637, 2018.

JOSSO, Marie-Christine. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. **Educação & Realidade**, v. 37, p. 19-31, 2012.

LOPES, Vanessa Gomes. **Linguagem do corpo e movimento**. Curitiba, PR: Fael, 2006.

MARCONDES, Keila Hellen Barbato. **Continuidades e discontinuidades na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental no contexto de nove anos**. 2012.

MARTINATI, Adriana Zampieri; ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da. " Faz de conta que as crianças já cresceram": o processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, p. 309-320, 2015.

MORAIS, Senédia Menezes de et al. **Ambientes que falam: a organização do espaço na educação infantil**. 2024.

Prefeitura lançará edital do novo “Sabe Tudo Conect@” para reativação das primeiras oito unidades, após mais de uma década de abandono – Agência de Notícias. Disponível em:

<https://noticias.sorocaba.sp.gov.br/prefeitura-lancara-edital-do-novo-sabe-tudo-conecta-para-reativacao-das/>. Acesso em: 4 ago. 2025.

SANTINI, Joarez; NETO, Vicente Molina. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 3, p. 209-222, 2005.

SILVA OLIVEIRA, Izomar da. Conectando alunos e educadores em tempos de isolamento: experiências e barreiras no ensino à distância durante a pandemia. **Revista Internacional de Estudos Científicos**, v. 1, n. 2, p. 1-24, 2023.

SOUZA, Sinara Pereira de; DO NASCIMENTO, Paulo Rogerio Barbosa; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Atuação docente em Educação Física escolar: entre investimento e desinvestimento pedagógico. **Motrivivência**, v. 30, n. 54, p. 143-159, 2018.

SURDI, Aguinaldo Cesar; DE MELO, Jose Pereira; KUNZ, Elenor. O brincar e o se-movimentar nas aulas de educação física infantil: realidades e possibilidades. **Movimento**, p. 459-470, 2016.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. **Psicologia, análise e crítica da prática educacional**. Campinas: ANPED, p. 1-17, 2000.

TOQUINHO. **O caderno**. Disponível em:

<https://open.spotify.com/track/1yctSMp7P3SkSCHsnkUI7b?si=pTlHbKdSSzq4Y9pne5Te3A>.

Acesso em: 11 ago. 2025.

WICKED. Direção: Jon M. Chu. Produção: Marc Platt; David Stone. Intérpretes: Cynthia Erivo; Ariana Grande; Michelle Yeoh; Jeff Goldblum e outros. Roteiro: Winnie Holzman e Dana Fox. Estados Unidos: Universal Pictures; Marc Platt Productions, 2024. 1 filme (160 min). Disponível em:

<https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Wicked/0OWZLPZCZKLFFM69I3A60V1KQ6>.

Acesso em: 11 ago. 2025.